

O IDEAL DO BELO ARTÍSTICO PARA HEGEL

*Aluisio Miranda Von Züben'
Leonardo Mateus Felipe de Sousa²*

RESUMO: O presente artigo é uma análise do ideal do belo artístico na filosofia de Hegel. Hegel estabelece seu pensamento no idealismo alemão fundamentado numa crítica à filosofia de Kant, sob a influência do romantismo e da paixão pela Revolução Francesa, e seu espírito de liberdade. Contudo, a estética, apresentada como uma reflexão do belo artístico, passa pela definição geral do belo – entendido como ideia e sua representação como ideal – contrapondo sempre a questão do conceito e da realidade, sendo o conceito uma abrangência da totalidade efetiva e verdadeira e, portanto, ideia, e a realidade a objetividade do conceito. E por fim, apresenta o ideal do belo artístico, opondo-se ao belo natural. Compondo assim, o campo de investigação da Filosofia da Arte ou Estética, ou seja, o belo artístico é um afastamento total do pensamento de imitação, pois para ser verdadeiro o belo artístico deve ser a relação entre o exterior e o interior.

Palavras-chave: Filosofia de Hegel. Estética. Belo. Arte. Ideia.

ABSTRACT: The present article is an analysis of the ideal of artistic beauty in Hegel's philosophy. Hegel establishes his thinking in German idealism grounded in a critique of Kant's philosophy, under the influence of romanticism and passion for the French Revolution, and his spirit of freedom. However, aesthetics, presented as a reflection of the artistic beauty, passes through the general definition of the beautiful - understood as an idea and its representation as an ideal - always opposing the question of concept and reality, being the concept a comprehensiveness of the true and effective totality and the reality, therefore, idea, and the reality the objectivity of the concept. And finally, it presents the ideal of the artistic beauty, opposing the natural beauty. And so, composing the field of investigation of the Philosophy of Art or Aesthetics, that is, the artistic beautiful is a total departure from the thought of imitation, for to be true the beautiful artistic must be the relationship between the exterior and the interior.

Keywords: Hegel's Philosophy. Aesthetics. Beautiful. Art. Idea.

¹ Supervisor do artigo. Graduado em filosofia pela PUCPR, em direito pela UFPR, especialista em antropologia social cultural pela UFPR, especialista em antropologia filosófica pela UFPR, especialista em direito e processo do trabalho pelo IBEJI, especialista em direito tributário pela UFSC, Mestre em Filosofia pela PUCPR e Doutor em Filosofia pela PUCPR. Professor da Faculdade Vicentina.

² Acadêmico do 2º ano do curso de bacharelado em Filosofia da Faculdade Vicentina – FAVI

INTRODUÇÃO

No decurso da história, o belo, na concepção de arte, ganha novos significados, abrangência na pluralidade de composições e produções. Dessa maneira, a filosofia não se limitou e tomou a arte – na área da estética – como campo de investigação e produção filosófica. Por conseguinte, no campo filosófico, muitos filósofos se encarregaram de seu estudo e interpretação. Salienta-se que o surgimento da arte se dá no período pré-histórico, com o homem primitivo, onde a arte era elaborada a partir de uma observação a natureza, com técnicas rígidas e laboriosamente desenvolvendo-se pra técnicas mais ágil e brilhante, quase impressionista é o que salienta Hauser (1998).

Na produção filosófica da estética, concebida como arte em todas as suas dimensões, entra em discursão com o filósofo do período clássico, Platão, definindo-a como *mimese* (LACOSTE, 1986, P. 10), ou seja, imitação do Mundo das Ideias. Aristóteles (1973) – filósofo do período clássico e aluno de Platão – compartilha da ideia de *mimese* em relação à arte deixada pelo mestre.

No período medieval, a Igreja Católica assume um papel que filtra todas as produções artísticas e culturais, dando a elas cunho religioso, ou seja, sacro – venerável e respeitável, segundo o *Dicionário Brasileiro O Globo*.

Assim, sendo relacionado a seu sistema filosófico, Hegel muda essa visão de arte na concepção do ideal do belo artístico, dando a ela um significado único, tendo em vista a sua necessidade para o desenvolvimento do senso crítico e da produção de conhecimento.

1. HEGEL E O “SEU TEMPO”

“No que se refere aos indivíduos, cada um é filho do seu tempo; assim também para a filosofia que, no pensamento, pensa o seu tempo.” (HEGEL, 1997, p. 37). Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart, Alemanha, no dia 27 de agosto de 1770 e faleceu no dia 14 de novembro de 1831 em Berlim (REALE; ANTISERI, 2005). Sua filosofia está baseada em crítica a filosofia kantiana, pois recebe influência do pensamento intrigante da Revolução Francesa, do período do Romantismo da Alemanha e, por sua vez, foi um dos grandes propagadores do Idealismo alemão pós-kantianismo juntamente com Fischer e Scheller. Com isso, segundo Morais (2013), ser “filho do seu tempo” implica em

[...] recolher em si todas as filosofias precedentes inclui, necessariamente, supressão de cada uma junto com o tempo que as produziu; em outras palavras, para aprender uma filosofia é indispensável aprendê-la junto com o tempo ou a cultura na qual ela brotou.

O idealismo alemão surge com Kant no ano de 1781 com a publicação do livro *Crítica a Razão Pura* e termina cinquenta anos depois com a morte de Hegel. Dudley (2013) salienta que

Este meio século foi sem sombra de dúvida um dos mais importantes e influentes da história da filosofia. Os pensadores deste período, e os temas que eles desenvolveram, revolucionaram toda a área da filosofia e tiveram um impacto que continua a ser sentido nas ciências humanas e ciências sociais.

Ao salientar a importância do pensamento de Hegel, Ribeiro (2011) aponta que “A compreensão sistemática da filosofia de Hegel teria possibilitado ao idealismo alemão chegar ao ápice de sua sistematização, pois o pensamento de Hegel é apontado como o ponto culminante do racionalismo.”. Esta possibilidade é resultado de sua ambição intelectual, haja visto que constitui em apontar o ‘uno’ do ‘todo’ por meio de uma síntese universal.

Para tal, a filosofia hegeliana é fundada no Espírito, este apresentado em uma das suas obras mais geniais *Fenomenologia do Espírito*. De acordo Ribeiro (2011, p. 21) a obra “[...] aponta o desenvolvimento cultural humano de acordo com as fases da História.”, tendo como objetivo o estudo da consciência como saber real mergulhado na exterioridade. Portanto, Hegel aponta os postulados do idealismo alemão: “[...] o Absoluto em seus três momentos, o em-si, o fora-de-si e o em-si-e-por-si, na dialética do devir, em que cada momento consiste na superação do anterior.” (RIBEIRO, 2011, p. 21).

Com a eclosão da Revolução Francesa, no ano de 1789, Hegel juntamente com seus colegas na universidade ficam impressionados com a forma como o espírito revolucionário francês caminhava para a libertação. Mesmo posteriormente, “Hegel manifestou posicionamentos conservadores e, em alguns aspectos, até reacionários, embora tenham continuado a julgar a Revolução Francesa como etapa fundamental da história.” (REALI; ANTISERE, 2005, p. 96).

Para Hegel (apontado por GOMBRICHE, 1998, p. 529), a Revolução Francesa era como um evento cósmico,

Pois enquanto o sol brilhava no firmamento e os planetas giravam em torno deste, não se viu o Homem afirmar-se em sua cabeça, em seus pensamentos, e construir uma realidade em acordo... Todos os seres pensantes celebram esta era... um entusiasmo do espírito encheu o mundo de admiração, como se o divino tivesse finalmente chegado a uma verdadeira reconciliação com o mundo.

Portanto, a Revolução Francesa, para a filosofia hegeliana, tem sua importância, haja visto que “[...] estava em condições de colocar o sujeito em situação de liberdade absoluta, mas que não podia conferir à liberdade um sentido positivo, isto é, um conteúdo firme e uma forma objetivamente convincente.” (PLEINES, 2010, p. 21). Dessa maneira, o espírito tem a função de induzir o indivíduo ao estado inculco do saber.

Com base no romantismo, que surgiu na Alemanha no final do século XVIII e início do século XIX, espalhando-se por toda a Europa e em oposição ao Racionalismo e ao Iluminismo, “[...] que se caracterizavam por conceber a razão enquanto força finita e objetiva, o Romantismo toma esta relação onipotente pela força infinita do Eu, que se torna substância do mundo. Trata-se do triunfo do sujeito que se autorrevela através do sentimento.” (SERRO, 2011), Hegel toma como base a oposição do sujeito e do objeto, do espírito e da natureza, onde se separam no finito e unem-se no infinito, finito entendido como concretização, e, infinito como universalidade.

Por conseguinte, a estética de Hegel está pautada nessa relação de sujeito e objeto, finito e infinito. Deve-se ainda entender por infinito uma “atividade ilimitada do Eu”, sendo assim um caráter dinâmico e constante da criação, em contrapartida, quando o infinito é tido como não-movimento, observa-se aí o Absoluto, que contem verdade, ideia e beleza (SERRO, 2011).

Em Kant, tem-se que o belo é uma categoria de juízo, ou seja, através da objetividade do belo e do sentido estético – concepções anteriores – unem-se para formar a categoria. Assim, “[...] Kant se ocupa em fundamentar o juízo que ‘reconhece’ o belo e não em fundar tal categoria objetivamente” (FERREIRA, 2011, p. 82). Hegel reconhece em Kant um avanço filosófico teórico estético com relação ao belo natural, tendo em vista que, segundo Ferreira (2011) que o mesmo “[...] reconheceu a possibilidade de unificação entre espírito e natureza através da arte, recusa tal teoria uma vez que ela reconduziria à separação destes ao ficar preso à contradição de sujeito e objeto.”

Hegel (2001) ainda aponta que “[...] a filosofia kantiana não apenas sentiu este ponto de unificação em sua necessidade, como também o reconheceu e o

representou de modo determinado.”. Em contrapartida, Hegel, partindo do belo natural da filosofia kantiana elabora sua crítica, onde, “[...] se a beleza criada pela arte fosse inferior à beleza da natureza, ficaria excluída da estética uma grande parte do domínio da arte.” (REZENDE, 2009, p. 16), pois o que seria do homem se tudo vier da natureza? Dessa maneira, invertendo a tese kantiana, o objeto da estética é exclusivamente o domínio da beleza artística e não do belo natural.

2. CONCEITO GERAL DE BELO: IDEIA

Para Hegel, de acordo com Novelli (2012, p. 70), “[...] a verdade é definida na conjugação como o conceito de totalidade que compreende toda e qualquer manifestação histórica ou do pensamento”. Partindo desse pressuposto, a filosofia hegeliana preocupa-se com todas as expressões do pensamento, podendo ser reunidas na arte, religião e filosofia. Dessa maneira, entende a arte como uma “[...] manifestação da consciência porque é uma experiência que a consciência tem de si” e que “Pela arte o homem que, é consciência, pois consciência é homem, se conhece porque pela arte ele se apropria de si mesmo” (NOVELLI, 2012, p. 76). A arte, na reflexão filosófica estética, é a investigação do belo, mais precisamente do belo artístico, fazendo com que o homem se molde em si.

Desse modo, o ponto de partida para o entendimento do belo artístico é a definição geral de belo. Para tal, Hegel (2001, p. 120) apresenta que se deve denominar o belo como *Ideia* do belo, “[...] e, na verdade, como *Ideia* numa Forma determinada, enquanto *ideal*.”. A ideia, de uma forma geral e absoluta, constitui o conteúdo representativo sensível do belo na arte, tendo em vista que, segundo Hegel (1974, p. 145), a arte é uma “[...] emanção da ideia absoluta” que está ligada ao conceito do “[...] belo artístico concebido como uma representação do Absoluto”.

Assim, Hegel (2001, p. 120) define que a *Ideia* é o conceito, a realidade do conceito e a unidade de ambos. Contudo, a unidade não deve ser entendida como *neutralização* do conceito e da realidade, mas ao contrário o conceito permanece o dominante, pois “[...] ele já é em si mesmo como sendo sua [realidade], na qual, por conseguinte, na medida em que ela é o autodesenvolvimento dele, ele nada abdica de si, mas apenas se realiza a si mesmo nela, e por isso, permanece em unidade consigo em sua subjetividade”. Em suma, a unidade do conceito e da realidade é a constituição subjetiva da *Ideia*.

Por consequência do exposto, Ferreira (2011, p. 83) aponta que “Segundo Hegel, ‘o belo é a Ideia enquanto unidade imediata do conceito e de sua realidade’ e, portanto, é verdadeiro”. Entende-se que o conceito desempenha um papel relevante e central na estética de Hegel, “[...] sendo seus desdobramentos a condição de possibilidade do belo de modo geral. Por isso, a primeira interpretação de que devemos nos afastar é a de conceito como uma representação abstrata da realidade.”

No entanto, no que se refere à natureza do *conceito enquanto tal*, Hegel (2001, p. 123) mostra que “[...] ele em si mesmo, não é de fato a unidade abstrata perante as *diferenças da realidade*, mas como conceito ele já é a unidade de diferentes determinidades e, assim, totalidade concreta”. Por exemplo, a denominação³ “homem” não deve ser apontada como conceito, mas como representação abstrata, haja vista que ela contrapõe sensibilidade e razão, uma vez que, o “homem” é composto por várias contraposições de aspectos e elementos diferentes e, de acordo com o conceito “[...] as contém em unidade concreta, mediada.”. Dessa maneira, o conceito é o modo da unidade absoluta, porque “[...] contém todas as suas determinidades na Forma dessa sua unidade e universalidade ideais, que constituem sua subjetividade, a diferença do real e do objeto.”

A realidade ou objetividade em si não é ela, mas sim a realidade do conceito e sua particularização, que, de acordo com Hegel (2001, p. 25), “[...] o conceito na Forma da particularização autônoma e da *distinção real* de todos os momentos, de quem o conceito, enquanto subjetivo, era a unidade ideal”, ou seja, não há uma distinção, à primeira vista, entre realidade e aparência, “Afinal o que aparece (a aparência) não é real?”, mas, por conseguinte, deve-se entender que a aparência é dependente de um outro ser enquanto a realidade é independente. Do mesmo modo acontece em relação à existência, a realidade não existe, mas tem existência, por exemplo, existe o indivíduo e tudo o que existe, existe individualizado salienta Nóbrega (2011), portanto, o que existe não é a realidade, mas sim o conceito da realidade. Tem-se que é apenas o conceito que deve prover a “[...] existência e realidade a si na objetividade” é o que aponta Hegel (2011) e assim levar em si o conceito à afetividade. Portanto, Hegel (2001) conclui que o conceito, é, dessa forma, a unidade ideal mediada de acontecimentos particulares. A unidade ideal precisa necessariamente ser pautada na diferença real das particularidades e na unidade mediada em idealidade, representando dessa forma a potência do conceito, que revela a unidade por meio da realidade

³ Termo utilizado no sentido denotativo

na objetividade dispersa. Dessa maneira, o conceito abrange apenas assim a totalidade efetiva e verdadeira, e esta totalidade é a Ideia.

Isto posto, tal totalidade que é a Ideia, “[...] é o ponto de encontro do conceito consigo mesmo, é a unidade das diferentes determinações e momentos do conceito, é objetividade real e subjetividade ideal.” (FERREIRA, 2011, p. 86), concluindo que a Ideia é a verdade. A arte por sua vez não pode permanecer em tal totalidade, tendo em vista que é necessário o ideal na sua determinação, com relação aos aspectos exteriores, ou seja, particularidade e individualidade do caráter (HEGEL, 1974, p. 276).

Portanto, para que se possa entender o ideal do belo artístico é preciso, segundo Hegel (1974, p. 280), entender que o ideal é a reprodução da ideia que aponta a sua realidade, ou seja, “o belo artístico [...] não pode restringir tão-só ao seu conceito geral, pois comporta, segundo este mesmo conceito, precisões e particularidades”.

3. O BELO ARTÍSTICO

Sabendo que a ideia é uma definição geral do belo, sendo o mesmo conceito, realidade do conceito e unidade de ambos, e que a sua representação é o ideal, mais precisamente o belo artístico, Hegel apresenta que a Estética é a investigação do belo, em contrapartida, o belo que é ou deve ser, não é o belo natural, e sim, o belo artístico. Para tal entendimento, ainda é preciso afastar-se da noção de imitação da natureza, pois, “[...] para ser verdadeira, deve a arte realizar o acordo entre o exterior e o interior, estando este de acordo consigo mesmo como condição que torna possível a revelação do exterior” (HEGEL, 1974, p. 215), ou seja, o ideal que por sua vez exige que a revelação do exterior seja a expressão da alma.

Novelli (2012) salienta que “Para Hegel o belo artístico é o objeto de uma ciência do belo que confronta a aparição do belo como natural, pois este permanece no campo da subjetividade e o belo é necessariamente a apreensão feita na ideia e pela ideia.”, por isso, Hegel (1986) aponta que o belo artístico é superior ao belo natural, tendo em vista que qualquer ideia que perpassa pelo espírito se torna superior a produção da natureza, pois o espiritual é superior ao natural.

Tendo em vista, portanto, que a verdadeira arte é um acordo entre exterior e interior e que “As formas naturais e reais de conteúdo espiritual devem,

com efeito, ser consideradas como simbólicas, no sentido geral do termo, e, sobretudo, no sentido de que contem, não um valor direto em si, mas uma expressão do mundo interior, do mundo do espírito.” (HEGEL, 1974) tem-se que a arte, em seus graus mais elevados, recebe uma forma exterior a partir do conteúdo interno do espírito e que a matéria sensível que a mesma se serve constitui o outro aspecto da exterioridade.

Não abandonando a questão da exterioridade e da manifestação sensível da arte, mas entrando na questão fenomenológica e histórica hegeliana na qual vê-se a relação entre a história e manifestação sensível, Hegel (1974) aponta que

a arte faz de cada figura sua um *Argus* com mil olhos para que a alma e a espiritualidade apareçam em todos os pontos da fenomenalidade, para que manifestem a sua presença não só na configuração do corpo, na expressão do rosto, nos gestos e nas atitudes, mas também nos atos e nos eventos, nos discursos e nos sons, pois, em quaisquer condições e contingências da fenomenalidade, elas devem ser o olhar que reflete a alma livre em sua infinitude interna. [...] Só ao espírito é, pois, dado imprimir à sua exterioridade, até quando esta se comporta para ele um estado de limitação, o sinal da própria infinitude e assegurar o livre retorno a si mesmo. (p. 214)

Ou seja, as manifestações artísticas provem da relação entre espírito e realidade sensível, imprimindo na exterioridade a infinitude onde assegura o retorno em si mesmo. Dessa forma, Alvarez (2014) salienta que “O belo artístico ocupa um determinado lugar na totalidade do universo. É na história, enquanto manifestação fenomênica da Ideia, que a arte pode ser pensada: a arte é um modo particular de manifestação de espírito”, uma ideia que é entendida também na história enquanto fenomenologia.

Tendo sabido, portanto, que o belo artístico é o ideal e que a sua representação tem relação com a fenomenologia, com a história e com a manifestação sensível da exterioridade, o ideal implica ainda a uma individualidade particular que carece de substituir em indissolúvel unidade com o substancial “[...] na medida em que o ideal deve possuir a liberdade e a independência da subjetividade [...]” (HEGEL, 1974, p. 234). Dessa maneira, a arte alude a uma relação muito ampla no pensamento hegeliano, como já citado anteriormente as suas relações, e assim compondo a tese do sistema lógico dialético.

Nesse sentido a arte é a primeira manifestação do espírito, ou seja, é o momento em que as coisas sensíveis são vistas como espírito.

Assim sendo, entende-se que Hegel salienta que o belo é, portanto, o que é sentido, conhecido e reconhecido e não somente o que é percebido, nesse sentido, em uma obra “[...] é a exposição do Espírito de uma época na figura do artista e de sua realização.” (NOVELLI, 2012, p. 78). Dessa maneira, o entendimento acerca do belo deve ser, segundo Hegel, o belo artístico e não o belo natural e que a sua representação é uma manifestação do espírito expressa na obra de arte, pautando que “o artista só é artista porque conhece a verdade e a sabe, na forma que melhor convém, representar perante os nossos olhos” (HEGEL, 1974, p. 305).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, descrever o modo como Hegel entende o belo artístico, utilizando de recursos bibliográficos como método de pesquisa tais como revistas eletrônicas, livros, artigos e dissertações. A pesquisa não se preocupou em apontar uma análise mais profunda do pensamento hegeliano como a lógica dialética e a fenomenologia do espírito, sendo os mesmos citados de forma sintética.

A princípio, a análise tinha como objetivo principal *descrever a ideia do belo artístico no pensamento hegeliano*, mas para não acorrer de erros técnicos utilizados por Hegel foi preferido mudar o objetivo para *descrever o ideal do belo artístico para Hegel*, haja vista que o termo *ideia* na filosofia de Hegel possui um significado próprio sendo o mesmo relacionado ao conceito geral de belo.

Dessa maneira, dividida em três partes, ou seja, três objetivos específicos, a pesquisa inicia-se contextualizando Hegel no seu tempo, levando em consideração a questão filosófica, social e artística. Pautada nas questões filosófica, Hegel é um idealista e um crítico a filosofia kantiana, no que diz respeito às questões sociais e artísticas ele é um admirador da Revolução Francesa e do Romantismo.

A segunda parte da pesquisa propôs a apresentação da ideia do ideal, sendo que a ideia é a definição geral do belo e o ideal a representação do belo artístico, ou seja, o próprio belo artístico. Vale salientar que a definição geral do belo é o ponto em que vários filósofos pararam, como Kant, deixando apenas como campo de investigação o belo natural. Para Hegel, o que interessa é o que vem depois, ou seja, a manifestação do espírito, o ideal, o belo artístico.

Portanto, passado pelo contexto e para definição geral do belo, a ideia e a representação o ideal, a terceira parte propôs a descrever como Hegel entende o belo artístico. Salienta-se nessa parte que o belo que deve ser tomado como campo de investigação filosófica e o belo artístico e não o belo natural, pois o belo artístico é a manifestação do espírito. A última parte se ateu a responder à pergunta inicial da pesquisa – *De que modo Hegel descreve o belo artístico?* Tal questão foi respondida, mas abrindo caminhos para pesquisas futuras, haja vista que o belo artístico é descrito como manifestação do espírito, mas a sua representação se dá de várias maneiras e formas e alude a uma configuração de conhecimento que pode ser encontrado através da arte.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Porto alegre: Globo S/A, 1973. (Coleção Os Pensadores)

DUDLEY, Will. **Idealismo alemão**. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2013. (Serie Pensadores Modernos)

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário Brasileiro Globo**. São Paulo: Globo S/A, 2001.

FERREIRA, Guilherme Pires. O conceito de belo em geral na estética de Hegel: conceito, ideia e verdade. **Revista Metavioa**, São João Del-Rei, n. 13, 2011. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/busca_resultados.php?cx=009378224951409890354%3Axutm7p7zq9w&cof=FORID%3A9&ie=UTF-8&q=o+conceito+de+belo+em+geral+na+estetica+de+hegel>. Acesso em : 20 mar. 2017.

GOMBRICH, Ernest. Hegel e a história da arte. Tradução de Tereza da Costa. **Revista Gávea**, Rio de Janeiro, n. 5, abr. 1998.

HAUSER, Arnold. **A história social da arte e da literatura**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. O belo artístico ou o ideal. Tradução de Orlando Vitorino. In: CIVITA, Victor (Org.). **Estética**. São Paulo: Abril S. A. Cultura e Industrial, 1974, p. 213-320. (Os Pensadores)

HEGEL, G. W. F. **Princípios da filosofia do direito**. 1 ed. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HEGEL, G. W. F. **Curso de estética**. 2 ed. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

JUNGES, Márcia; MACHADO, Ricardo. O filósofo como filho do seu tempo. **Unisinos**, 21 out. 2013. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5232&sec=ao=430>. Acesso em: 06 jun. 2017.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

NOVELLI, Pedro. A importância da arte no sistema filosófico de Hegel. **Saberes**, Natal, v. 1, n. 7, jun. 2012, p. 70-86

PLEINES, J. E. **Friedriche Hegel**. Tradução de Silvio Rosa Filho. Recife: Massangana, 2010.

REALI, Giovanni; ANTISERE, Dario. **História da Filosofia: Filosofia pagã antiga**, 5 ed. Tradução de Ivo Storniolo, São Paulo: Paulus, 2011. 146 – 149 p. 1 v.

REALI, Giovanni; ANTISERE, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo ao Empirio-criticismo**, 5 ed. Tradução de Ivo Storniolo, São Paulo: Paulus, 2011. 1 v.

REZENDE, Claudinei Cássio de. O momento da estética: a auto-superação da arte. **Kinesis**, Marília, v. 1, n. 01, p. 12-21, mar 2009

RIBEIRO, Maria Eveline Ramalho. **O brilho sensível do espírito absoluto: a arte em Hegel**. 2011. 96 f. Dissertação (Pós-Graduação em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

SERRO, L. M. L. Fundamentos do Romantismo. **Revista Arquitectura Luisiada**, 2011. Disponível em: <<http://dspace.lis.ulusiada.pt/handle/11067/458>>. Acesso em: 13 mai. 2017.